

Uso de contraceptivos orais por estudantes universitárias

Use of oral contraceptives by university students

Aline Aparecida Pereira Souza¹ , Ana Carla Broetto Biazon² , Bruna Angélica Mori³ 

Nas últimas décadas, o uso de métodos contraceptivos apresentou um crescimento significativo, sendo os contraceptivos orais um dos métodos de contracepção mais utilizados em todo o mundo. Entretanto, no Brasil, o acesso a esses medicamentos ainda enfrenta desafios, tanto pela falta de informação quanto por dificuldades na obtenção, o que compromete a adesão e o uso adequado dos mesmos. Diante desse cenário, destaca-se a necessidade de iniciativas educativas para garantir um uso correto e consciente desses fármacos. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar o uso e o nível de conhecimento sobre contraceptivos orais entre estudantes universitários. A pesquisa, do tipo observacional transversal descritiva, foi realizada por meio de um questionário online disponibilizado por meio do Google Formulários® e direcionado à comunidade acadêmica de uma instituição privada de Campo Mourão, Paraná. No período de seis meses, 106 pessoas participaram do estudo, sendo a maioria alunas de graduação ou pós-graduação de uma instituição privada, com faixa etária entre 18 e 20 anos. Observou-se uma predominância do uso do contraceptivo oral combinado por um período de 1 a 5 anos, geralmente sob prescrição médica, motivada pela necessidade de um método contraceptivo, tratamento de ciclos menstruais irregulares ou síndrome dos ovários policísticos. O uso de contraceptivos orais cresce entre acadêmicas, mas muitas desconhecem riscos e indicações. É essencial promover educação em saúde para um uso seguro, com destaque para a orientação profissional, especialmente no momento da dispensação farmacêutica.

Palavras-chave: Anticoncepcionais orais. Saúde da mulher. Contracepção hormonal.

In the recent decades, the use of contraceptive methods has grown significantly, with oral contraceptives being one of the most widely used methods of contraception in the world. However, in Brazil, access to these drugs still faces challenges, both due to a lack of information and difficulties in obtaining them, which compromises adherence and their proper use. Given this scenario, there is a need for educational initiatives to ensure the correct and conscious use of these drugs. In this context, this study aimed to analyze the use and level of knowledge about oral contraceptives among university students. This descriptive cross-sectional observational study was carried out using an online questionnaire made available through Google Forms® and aimed at the academic community of a private institution in Campo Mourão, Paraná. Over a period of six months, 106 people took part in the study, the majority of whom were undergraduate or postgraduate students at a private institution, aged between 18 and 20. There was a predominance of combined oral contraceptive use for a period of between 1 and 5 years, usually under medical prescription, motivated by the need for a contraceptive method, treatment of irregular menstrual cycles or polycystic ovary syndrome. The use of oral contraceptives is growing among academics, but many are unaware of the risks and indications. It is essential to promote health education for safe use, with emphasis on professional guidance, especially at the time of pharmaceutical dispensation.

Keywords: Oral contraceptives. Women's health. Hormonal contraception.

Autor Correspondente:

Aline Aparecida Pereira
Souza

E-mail:

alineapsouza03@gmail.com

Endereço: Avenida Irmãos Pereira, 870, centro – Campo Mourão, Paraná. CEP: 87.301-010.

Declaração de Interesses: Os autores certificam que não possuem implicação comercial ou associativa que represente conflito de interesses em relação ao manuscrito.

¹ Farmacêutica Msc^a. Centro Universitário Integrado, Campo Mourão, Paraná, Brasil.

² Prof^a. Dr^a. Centro Universitário Integrado, Campo Mourão, Paraná, Brasil.

³ Farmacêutica. Centro Universitário Integrado, Campo Mourão, Paraná, Brasil.

INTRODUÇÃO

O uso de medidas contraceptivas cresceu exponencialmente nas últimas décadas, especialmente entre mulheres em idade reprodutiva, estando diretamente associado a reduções na mortalidade materna e neonatal, uma vez que tais medidas permitem a prevenção de gravidez indesejada, e contribuem para o planejamento familiar (1). No Brasil, a taxa de uso de contraceptivos passou de aproximadamente 49% em 1990 para 66,3% em 2020 (2). Esse avanço pode ser atribuído a diversos fatores, como o aumento da conscientização sobre saúde reprodutiva, a ampliação do acesso a serviços de saúde e a crescente aceitação social dos métodos anticoncepcionais (3).

Introduzidos no mercado há cerca de 60 anos, os contraceptivos orais se popularizaram no mundo todo, tornando-se um dos métodos contraceptivos mais aderidos pela população do sexo feminino (4,5). De acordo com um estudo prospectivo que analisou dados globais entre 1970 e 2019, preservativos e pílulas contraceptivas orais foram os métodos mais empregados por adolescentes de 15 a 24 anos. Após essa faixa etária, observou-se uma maior adesão a métodos reversíveis de longa duração, como os dispositivos intrauterinos (6).

Além da prevenção da gravidez, os contraceptivos orais oferecem benefícios adicionais, incluindo o controle de sintomas menstruais e a redução do risco de certas condições de saúde, o que contribui para sua crescente popularidade (7,8). No entanto, seu uso pode estar associado a efeitos adversos, como náuseas, cefaleias e alterações no humor (9). Além disso, o uso de contraceptivos orais combinados pode aumentar o risco de tromboembolismo venoso, especialmente em mulheres com fatores predisponentes, como tabagismo (10). Algumas usuárias também relatam mudanças na libido e distúrbios menstruais, de modo que os efeitos variam significativamente entre as mulheres, ressaltando a importância do acompanhamento de um profissional de saúde capacitado durante o uso (11).

Apesar dos avanços na ampliação do acesso aos métodos contraceptivos, em 2019 mais de 160 milhões de mulheres em todo o mundo ainda enfrentavam dificuldades para obtê-los (6). Diante desse desafio, diversos países, incluindo Reino Unido, Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e, mais recentemente, o Brasil, implementaram estratégias para facilitar o acesso e promover o uso racional dos contraceptivos orais, como a prescrição simplificada por farmacêuticos (12,13).

Além da dificuldade ao acesso, a falta de conhecimento adequado sobre estes métodos é outro fator que dificulta a adesão e o uso correto dos mesmos, podendo comprometer sua eficácia. Deste modo, ações de aconselhamento, orientação e acompanhamento em saúde são fundamentais para garantir o uso racional desses medicamentos.

Diante desse contexto, o presente estudo teve como objetivo avaliar o uso e o nível de conhecimento sobre contraceptivos orais entre estudantes universitárias, a fim de subsidiar estratégias de educação em saúde voltadas à comunidade acadêmica.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo observacional transversal descritivo, conduzido por meio da aplicação de um questionário online disponibilizado na plataforma Google Formulários®. Antes de responderem ao questionário, todos os participantes aceitaram os termos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os critérios de inclusão estabelecidos foram: ser do sexo feminino, ter entre 18 e 60 anos e estar matriculada em um curso de ensino superior ou pós-graduação em uma instituição de ensino superior.

O questionário foi composto por 24 questões, sendo uma dissertativa e as demais objetivas, abordando diferentes variáveis relacionadas ao uso de contraceptivos orais, como: qual o contraceptivo oral utilizado, efeitos adversos apresentados, condições gerais de saúde, consumo de bebidas alcoólicas e aquisição do medicamento, como também idade, escolaridade e área de graduação.

A coleta de dados foi realizada no período de março a maio de 2023. A divulgação foi realizada por meio das redes sociais da instituição de ensino. Após este período, os dados coletados foram tabulados por meio da ferramenta Google Planilhas®, a fim de estabelecer o grau de conhecimento da população acadêmica. Os dados coletados foram analisados por meio de método quantitativo descritivo com frequência absoluta e relativa.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro Universitário Integrado, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 68305723.2.0000.0092.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa em questão obteve um total de 106 participantes no período de seis meses, sendo a grande maioria acadêmicas de cursos de graduação ($n=85$; 89,6%) com idade entre 18 a 20 anos (Figura 1). A maioria das participantes era estudantes de um curso de graduação da instituição de ensino privado ($n=88$; 82,1%), o que se deve ao alcance da divulgação da pesquisa dentre os acadêmicos da mesma, sendo poucas participantes de outras instituições de ensino ($n=19$; 17,9%). Observou-se maior adesão à pesquisa pelas acadêmicas de cursos da área da saúde ($n=84$; 79,2%), enquanto que nas demais áreas de graduação a participação foi consideravelmente inferior.

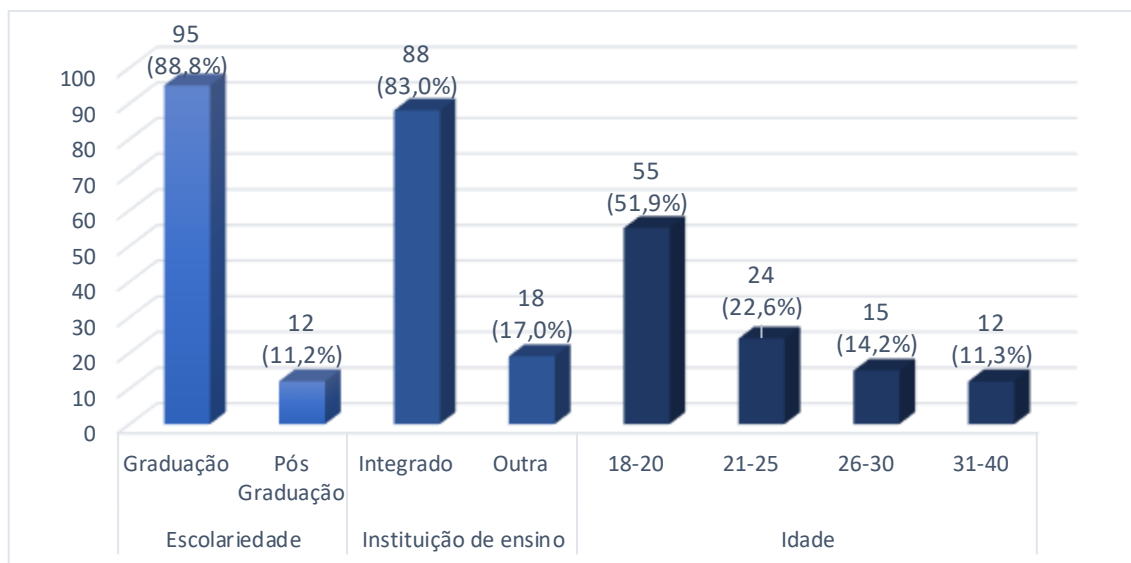


Figura 1. Perfil das acadêmicas participantes do estudo.

Com relação aos hábitos de vida, os participantes foram questionados apenas quanto ao hábito de ingerir bebidas alcoólicas, sendo que apenas uma participante (0,9%) afirmou beber diariamente, enquanto que 32 (30,2%) relataram que ingerem aos finais de semana, 29 (27,4%) esporadicamente, 31 (29,2%) raramente e 13 (12,3%) não ingerem álcool. O etanol é uma das drogas mais consumidas pela humanidade, em níveis cada vez mais alarmantes, o que gera uma preocupação maior quanto a interação do mesmo com os medicamentos, incluindo os contraceptivos orais. Há estudos que evidenciam que a relação abusiva do etanol em associação ao uso de contraceptivos orais pode diminuir consideravelmente a eficácia deste método contraceptivo por fatores relacionados ao metabolismo destas substâncias, fator esse que é desconhecido por grande parte das mulheres que utilizam tais medicamentos (14).

Quando questionados a respeito do quadro de saúde atual, notou-se dentre as participantes uma prevalência de problemas vasculares ou histórico de trombose na família ($n = 13$; 13,8%) e diabetes mellitus ($n = 7$; 7,4%), sendo que 53,4% ($n = 62$) apresentavam uma ou mais condições de saúde que podem representar um risco aumentado para desenvolver complicações de saúde, quando associadas ao uso de contraceptivos orais. Estudos demonstram que há prevalência de fatores de risco e contraindicações entre mulheres que adquirem seu anticoncepcional no balcão da farmácia, visto que não são submetidas a uma avaliação clínica antes de escolher o método mais adequado e com menor risco (15,16).

Os contraceptivos orais são amplamente utilizados para prevenir a gravidez, no entanto, na presença de algumas condições como a hipertensão arterial ou doenças cardiovasculares, podem aumentar o risco de acidente vascular encefálico, infarto agudo do miocárdio e outros desfechos adversos em mulheres (15). Mulheres com histórico de tromboembolismo venoso, como trombose venosa profunda ou embolia pulmonar, devem evitar o uso de contraceptivos orais combinados devido ao aumento do risco de recorrência (16). Além disso, mulheres com hipertensão arterial não controlada também estão em risco, pois os contraceptivos hormonais podem exacerbar a condição e aumentar o risco de eventos cardiovasculares (17). Além da hipertensão arterial, é contraindicado o uso destes medicamentos em caso de diabetes mellitus com doença vascular, tabagismo em mulheres com 35 anos ou mais e doenças cardiovasculares (18). Outras contraindicações importantes incluem o histórico de doenças hepáticas graves, pois as pílulas podem impactar negativamente a função hepática, e a presença de enxaqueca com aura, que está associada a um risco elevado de acidente vascular cerebral quando combinada com o uso de contraceptivos hormonais (19,20).



Figura 2. Contraceptivos hormonais utilizados pelas participantes.

Os anticoncepcionais mais utilizados pelas participantes foram os monofásicos, destacando-se aqueles compostos por drospirenona + etinilestradiol ($n=29$; 28,2%); acetato de ciproterona + etinilestradiol ($n=17$; 16,5%) e gestodeno + etinilestradiol ($n=14$; 13,6%), sendo que 18,4% das participantes ($n=19$) não souberam informar a composição do contraceptivo utilizado, recordando-se apenas do nome comercial dos mesmos (Figura 2). As pílulas contraceptivas combinadas estão disponíveis em várias formulações, incluindo monofásicas, bifásicas e trifásicas, cada uma com diferentes dosagens de estrogênio e progestágeno ao longo do ciclo. As pílulas monofásicas, como as que contêm etinilestradiol e levonorgestrel, são as mais amplamente utilizadas e fornecem uma dose constante de hormônios em cada comprimido ao longo do ciclo menstrual (9). As pílulas bifásicas, como aquelas que combinam etinilestradiol com desogestrel, ajustam a dose de progestágeno uma vez durante o ciclo, simulando mais de perto as variações hormonais naturais do corpo (21). As pílulas trifásicas são formuladas para fornecer três diferentes dosagens de estrogênio e progestágeno em três fases distintas ao longo do ciclo de 21 dias, seguidas de uma semana de pílulas inativas ou placebo. Essa variação tem como objetivo reduzir o impacto sobre o equilíbrio hormonal natural e minimizar os efeitos colaterais, como sangramentos intermenstruais e alterações de humor (22).

Quando questionadas se possuíam o hábito de substituir seu medicamento por um genérico ou similar, 75,5% ($n=80$) das participantes afirmaram que não. Muitas mulheres optam por não usar pílulas contraceptivas genéricas ou similares devido a preocupações com a eficácia, segurança e possíveis efeitos colaterais em comparação com os medicamentos similares e referência. Embora tanto o medicamento referência, como também os similares e genéricos, apresentem a mesma composição, algumas mulheres

relatam diferenças perceptíveis na tolerabilidade e no controle dos sintomas menstruais, sendo que a variabilidade na formulação dos excipientes - os componentes não ativos da pílula - pode também influenciar nesses fatores (23, 24). Outro fator que contribui para a preferência pelas pílulas é a confiança no laboratório farmacêutico, gerando maior segurança entre as usuárias (25).

Com relação ao acesso aos contraceptivos orais, apenas 16% (n=17) das participantes relataram adquiri-los gratuitamente, enquanto a maioria (n=91; 85,8%) ainda precisa comprá-los regularmente. Dentre essas, 63,6% gastam entre R\$30,00 e R\$100,00 por mês na aquisição do medicamento (Figura 3). Embora o Sistema Único de Saúde (SUS) disponibilize métodos contraceptivos gratuitamente, incluindo algumas opções de pílulas anticoncepcionais, muitas mulheres optam por comprá-las em farmácias privadas. Esse comportamento pode estar relacionado à oferta limitada de combinações hormonais e tipos de contraceptivos pelo SUS, que nem sempre atendem às necessidades ou preferências das usuárias (26). Além disso, a falta de continuidade no abastecimento e preocupações com a qualidade dos medicamentos distribuídos pelo sistema público também influenciam essa escolha (26). Mulheres que buscam pílulas com menores efeitos colaterais ou que já estão adaptadas a uma combinação hormonal específica frequentemente preferem adquiri-las em redes privadas, onde percebem maior variedade dos produtos (27).

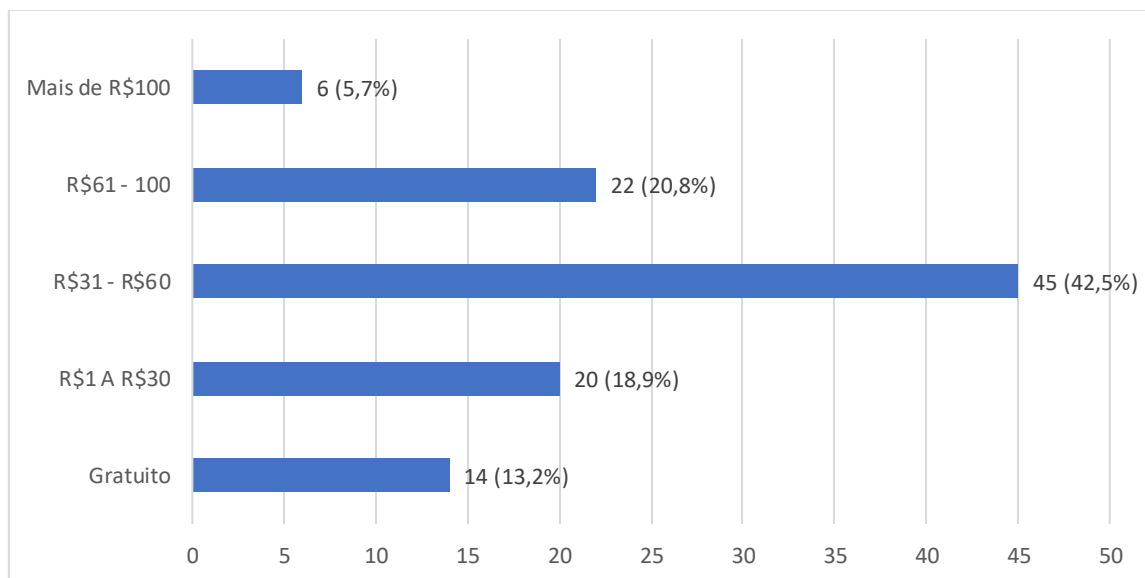


Figura 3. Gastos referentes à aquisição de contraceptivos orais pelas participantes.

Notou-se dentre as participantes um alto índice de avaliação médica prévia ao uso destes medicamentos, de modo que 81,1% (n=86) das participantes afirmaram que iniciaram o uso do mesmo por indicação médica, enquanto que as demais informaram ter sido por contra própria. A maioria das mulheres que utilizam pílulas contraceptivas o fazem sob recomendação médica, refletindo a importância da orientação profissional na escolha do método mais adequado para cada indivíduo. Estudos indicam que a prescrição médica é o principal fator determinante para o uso de contraceptivos orais, uma vez que os médicos avaliam as condições de saúde, histórico familiar e preferências pessoais das pacientes antes de indicar o contraceptivo mais seguro e eficaz (28). Em contrapartida,

apenas uma pequena parcela de mulheres recorre à automedicação ou à indicação de terceiros, como amigas ou familiares, para iniciar o uso de pílulas contraceptivas. Este grupo, apesar de minoritário, pode enfrentar maiores riscos devido à falta de avaliação médica adequada, o que pode resultar em escolha inadequada do contraceptivo e maior incidência de efeitos colaterais (29).

Dentre as participantes, a principal indicação para o início do uso desse método contraceptivo foi a contracepção ($n=53$; 50%), seguida da regulação do ciclo hormonal ($n=18$; 17) e ovário policístico ($n=13$; 12,3%). As pílulas contraceptivas são amplamente indicadas não apenas para a prevenção da gravidez, mas também para uma variedade de outras condições de saúde. Além de sua função contraceptiva primária, elas são frequentemente prescritas para regular o ciclo menstrual, tratar a síndrome dos ovários policísticos, controlar a acne, e reduzir os sintomas de distúrbios menstruais, como a dismenorreia (30). Mulheres com endometriose também podem se beneficiar do uso de contraceptivos orais, pois esses medicamentos ajudam a reduzir a dor associada à condição e a controlar o crescimento do tecido endometrial (31). As pílulas também são indicadas como parte da terapia hormonal em casos de menopausa precoce e para a proteção contra doenças benignas da mama (32). A ampla gama de indicações destaca a versatilidade dos contraceptivos orais no manejo de várias condições ginecológicas.

Atualmente, há uma grande variedade de combinações hormonais disponíveis no mercado, sendo que cada uma possui uma particularidade ou indicação mais apropriada que justifique o seu uso. Dessa forma, ressalta-se a importância da avaliação de um profissional de saúde antes de iniciar o contraceptivo oral, a fim de definir qual é o mais adequado à paciente em questão. Além disto, o uso destes medicamentos gera dúvidas, sendo que muitas pessoas, por vergonha, não buscam esclarecimentos com o médico ou outros profissionais da saúde, como o farmacêutico, podendo levar ao uso inadequado do contraceptivo e acarretar até mesmo em gravidez.

O atendimento e a avaliação profissional antes da prescrição de contraceptivos orais contribuem para uma melhor adesão e compreensão do uso desses medicamentos. Na amostra analisada, a maioria das participantes ($n=83$; 78,3%) relatou conhecer o mecanismo de ação da pílula contraceptiva, enquanto 23,6% ($n=25$) não possuíam esse conhecimento. A falta de informações adequadas e de acompanhamento médico pode impactar o uso correto do medicamento, aumentando o risco de efeitos adversos e complicações mais graves.

Além disto, as pílulas contraceptivas, embora amplamente eficazes, estão associadas a uma variedade de efeitos adversos, que afetam uma parcela significativa das usuárias. Estudos indicam que até 30% das mulheres experimentam náuseas e vômitos nos primeiros meses de uso (22). Cefaleias e enxaquecas são relatadas por cerca de 10-20% das usuárias, especialmente entre aquelas predispostas a dores de cabeça (9). Além disso, entre 15-25% das mulheres relatam sensibilidade nos seios e ganho de peso como efeitos colaterais comuns (33). Alterações no humor, incluindo sintomas depressivos, são observadas em cerca de 10% das usuárias, um efeito que pode ser mais pronunciado em mulheres com histórico de distúrbios afetivos (34). Esses efeitos adversos variam em intensidade e duração, mas são um fator importante na continuidade ou interrupção do uso das pílulas contraceptivas. A grande maioria das participantes relataram apresentar um ou mais efeitos adversos relacionados ao uso do contraceptivo

oral, sendo o mais comum a redução da libido ($n=26$; 24,5%), alteração do humor ($n=9$; 8,5%) e ganho de peso ($n=9$; 8,5%), efeitos esses que devem ser avaliados com atenção pois podem influenciar em condições de saúde prévia.

CONCLUSÃO

O uso de contraceptivos orais tem crescido exponencialmente dentre a população acadêmica, sendo que a maior indicação para o uso dos mesmos ainda é a contracepção, porém muitas mulheres ainda desconhecem a indicação e contraindicação destes medicamentos, tendo uma imagem falsa de que tais pílulas não apresentam riscos à saúde. Com isto, evidencia-se a necessidade e a importância de abordar esse tema dentre a população acadêmica feminina, a fim de informar quais as indicações, contraindicações, efeitos adversos e precauções acerca do uso de contraceptivos orais, como também é necessário apresentar as diferenças das pílulas hormonais disponíveis atualmente no mercado, para evitar com que a paciente realize a troca de seu medicamento sem orientação profissional prévia, o que pode acarretar em complicações a saúde e colocar em risco o bem estar da mesma.

REFERÊNCIAS

- (1) CONDE-AGUDELO, A.; ROSAS-BERMUDEZ, A.; CASTAÑO, F.; NORTON, M.H. Effects of birth spacing on maternal, perinatal, infant, and child health: a systematic review of causal mechanisms. **Studies in family planning**, v. 43, p. 93–114, 2012.
- (2) ORGANIZATION UNITED NATIONS (ONU). Department of Economic and Social Affairs, Population Division. Model-based Estimates and Projections of Family Planning Indicators 2022. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/pd/data/family-planning-indicators>.
- (3) SUNDSTROM, B.; DEMARIA, A. L.; FERRARA, M.; MEIER, S.; BILLINGS, D. "The Closer, the Better:" The Role of Telehealth in Increasing Contraceptive Access Among Women in Rural South Carolina. **Maternal and child health journal**, v. 23, n. 9, p. 1196–1205, 2019.
- (4) United Nations. Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2015). Trends in Contraceptive. New York, 2015.
- (5) TRINDADE, R.E.; SIQUEIRA, B.B.; PAULA, T.F.; FELISBINO-MENDES, M.S. Uso de contracepção e desigualdades do planejamento reprodutivo das mulheres brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, Supl. 2, p. 3493-3504, 2021.
- (6) HAAKENSTAD, A. *et al.* Measuring contraceptive method mix, prevalence, and demand satisfied by age and marital status in 204 countries and territories, 1970–2019: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2019. **The Lancet**, v. 400, p. 295-327, 2022.
- (7) SCHRIJVER, L.H. *et al.* Oral contraceptive use and ovarian cancer risk for BRCA1/2 mutation carriers: an international cohort study. **American Journal of Obstetrics and Gynecology**, v. 225, n. 1, p. 1-51, 2021.

- (8) DE LEO, V.; MUSACCHIO, M.C.; CAPPELLI, V.; PIOMBONI, P.; MORGANTE, G. Hormonal contraceptives: pharmacology tailored to women's health. **Human reproduction update**, v. 22, n. 5, p. 634-646, 2016.
- (9) LIDEGAARD, Ø.; LØKKEGAARD, E.; JENSEN, A.; SKOVLUND, C. W. Thrombotic stroke and myocardial infarction with hormonal contraception. **New England Journal of Medicine**, v. 366, n. 24, p. 2257-2266, 2012.
- (10) BARROS, V.I.P.V.L.; OLIVEIRA, A.L.M.L.; NASCIMENTO, D.J.; ZLOTNIK, E.; TERUCHKIN, M.M.; MARQUES, M.A. Open-access Use of hormones and risk of venous thromboembolism. *Revista brasileira de ginecologia e obstetrícia*, v. 46, p. 1-8, 2024.
- (11) BURROWS, L. J.; BASHA, M.; GOLDSTEIN, A. T. The effects of hormonal contraceptives on female sexuality: a review. **Journal of Sexual Medicine**, v. 9, n. 8, p. 2213-2223, 2012.
- (12) KOONER, M.; JOSEPH, H.; GRIFFIN, B.; LYNCH, S.; KATHY, C.; STEWART-LYNCH, O. Hormonal contraception prescribing by pharmacists: 2019 update. **Journal of the American Pharmacists Association**, v. 60, n. 5, p. 34-39, 2020.
- (13) CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Prescrição de contraceptivos: Protocolo de prescrição de contraceptivos hormonais por farmacêuticos. Brasília, 2024. Disponível em: <https://admin.cff.org.br/src/uploads/publicacao/arquivo/7c8dc363f10f9cbd03a5b2ac43f6d7209aff0c26.pdf>
- (14) AZEVEDO, J.S.; CRUZEIRO, S.O.; FARIA, T.A.V.; FUKUI, M.J.; MARQUES, C.P. A relação do uso de contraceptivos orais e a utilização do etanol. **Revista de Medicina da Faculdade Atenas**, v. 7, n. 1, 2019.
- (15) GROSSMAN, D.; WHITE, K.; HOPKINS, K.; AMASTAE, J.; SHEDLIN, M.; POTTER, J.E. Contraindications to combined oral contraceptives among over-the-counter compared with prescription users. **Obstetrics Gynecology**, v. 117, n.3, p. 558-565, 2011.
- (16) TEAL, S.; EDELMAN, A. Contraception Selection, Effectiveness, and Adverse Effects: A Review. **Journal of the American Medical Association**, v. 326, n. 24, p. 2507-2518, 2021.
- (17) FARR, S. L.; CURTIS, K. M.; MEYER, M. P. Hormonal contraceptive use among women with hypertension: a systematic review. **Contraception**, n. 82, v. 1, p. 54-61, 2010.
- (18) CORRÊA, D.A.S.; FELISBINO-MENDESII, M.S.; MENDESI, M.S.; MALTA, D.C.; VELASQUEZ-MELENDZ, G. Fatores associados ao uso contraindicado de contraceptivos orais no Brasil. **Revista Saúde Pública**, n. 51, v. 1; 2017.
- (19) SCHÜRKS, M., RIST, P. M., BIGAL, M. E., BURING, J. E., & LIPTON, R. B. Migraine and cardiovascular disease: systematic review and meta-analysis. **British Medical Journal**, v. 343, 2011.
- (20) Collaborative Group on Hormonal Factors in Breast Cancer. Breast cancer and hormonal contraceptives: collaborative reanalysis of individual data on 53,297 women with breast cancer and 100,239 women without breast cancer from 54 epidemiological studies. **The Lancet**, n. 347, p. 1713-1727, 2012.
- (21) HARPER, C.; ELLERTSON, C.; WINIKOFF, B.; COYAJI, K. The emerging role of family planning service providers as advocates for maternal health. **Contraception**, v. 82, n. 5, p. 491-493, 2010.
- (22) HATCHER, R. A.; TRUSSELL, J.; NELSON, A. L.; CATES, W.; STEWART, F. H.; KOWAL, D. *Contraceptive Technology* (20th ed.). New York: Ardent Media, 2011.

- (23) HASSALI, M. A.; KONG, D. C. M.; STEWART, K.; KHAN, T. M. Generic Medicines: Perceptions of General Practitioners in Melbourne, Australia. **Journal of Generic Medicines: The Business Journal for the Generic Medicines Sector**, v. 9, n. 4, p. 205-214, 2012.
- (24) GUTTIER, M.C.; SILVEIRA, M.P.T.; LUIZA, V.L.; BERTOLDI, A.D. Factors influencing the preference for purchasing generic drugs in a Southern Brazilian city. **Revista Saúde Pública**, p. 51-59, 2017
- (25) KESSELHEIM, A. S.; MISONO, A. S.; LEE, J. L.; STEDMAN, M. R.; BROOKHART, M. A.; CHOUDHRY, N. K.; SHRANK, W. H. Clinical equivalence of generic and brand-name drugs used in cardiovascular disease: a systematic review and meta-analysis. **JAMA**, v. 300, n. 21, p. 2514-2526, 2008.
- (26) FERREIRA, L. L.; MONTEIRO, L. C.; SIMÕES, M. F. Avaliação da provisão de contraceptivos pelo SUS: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 18, n. 3, p. 621-630, 2018.
- (27) MENDES, L.V.; CAMPOS, M.R.; CHAVES, G.C.; SILVA, R.M.; FREITAS, P.S.; COSTA, K.S.; LUIZA, V.L. Disponibilidade de medicamentos nas unidades básicas de saúde e fatores relacionados: uma abordagem transversal. **Saúde debate**, v. 38, p. 109-123, 2014.
- (28) MOREAU, C., TRUSSELL, J., BAJOS, N. The determinants and circumstances of use of emergency contraceptive pills in France: results from a population-based survey. **Perspectives on Sexual and Reproductive Health**, v. 45, n.1, p. 5-12, 2013.
- (29) BITZER, J.; TSCHUDIN, S. Women's attitudes towards oral contraceptives: a comprehensive review. **The European Journal of Contraception & Reproductive Health Care**, v. 19, n. 5, p. 310-318, 2014.
- (30) AROWOJOLU, A. O.; GALLO, M. F.; LOPEZ, L. M.; GRIMES, D. A. Combined oral contraceptive pills for treatment of acne. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, v. 7, 2012.
- (31) VERCELLINI, P., VIGANÒ, P., SOMIGLIANA, E., & FEDELE, L. (2011). Endometriosis: pathogenesis and treatment. **Nature Reviews Endocrinology**, v. 10, n. 5, p. 261-275, 2011.
- (32) FRITZ, M. A.; SPEROFF, L. *Clinical Gynecologic Endocrinology and Infertility* (8th ed.). Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2011.
- (33) LOPEZ, L. M.; RAMESH, S.; CHEN, M.; EDELMAN, A.; OTTERNESS, C.; TRUSSELL, J.; HELMERHORST, F. M. Progestin-only contraceptives: effects on weight **Cochrane Database of Systematic Reviews**, v. 7, 2013.
- (34) ZETHRAEUS, N.; KOCOSKA-MARAS, L.; ELLINGSEN, T.; VON SCHOULTZ, B.; LINDÉN HIRSCHBERG, A.; JOHANNESSON, M. A randomized trial of the effect of combined hormonal contraceptives on verbal skills and memory. **Fertility and Sterility**, v. 107, n.4, p.1234-1241, 2017.

Recebido: 02 de outubro de 2024

Aprovado: 25 de abril de 2025



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.